A poesia como herança genética em Primo Levi

Breno Fonseca Rodrigues (Mestrando/Pos-Lit/UFMG) ¹

Resumo: O escritor judeu-italiano Primo Levi (1919-1987), químico por formação, é reconhecido mundialmente pela sua narrativa sobre os horrores da Shoah. Na apresentação de seu livro *Ad ora incerta*, o autor sugere que a poesia está inscrita em nossa herança genética. Ele afirma ter cedido a uma pressão intrínseca, a um impulso instintivo, de se expressar por versos. Isso porque, “em momentos incertos”, o poema lhe parecia mais apropriado do que a prosa para transmitir uma ideia ou imagem. Segundo o crítico Cesare Segre (1928-2014), a melhor premissa para ler os poemas de Levi encontra-se em uma frase de *Se não agora quando?*, em que um personagem afirma: “Também eu tenho sangue de profeta, como todo filho de Israel, e de vez em quando brinco de bancar o profeta” (1999, p. 137). Para Segre, um tom profético, de exortação, permeia a escrita poética do escritor, marcada pela onipresença do sofrimento. Em *É isto um homem?*, livro em que Levi narra os horrores do campo de concentração, há um poema homônimo que nos remete ao Shemá – oração judaica de profissão do monoteísmo. No poema, o eu-lírico exorta o leitor a não se esquecer do testemunho do sobrevivente, conferindo a ele o mandamento de resguardar a memória da Shoah. A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre a matéria de composição do trabalho poético de Levi, a partir de uma investigação crítica de *Mil Sóis* – livro que reúne alguns de seus poemas, publicado no Brasil pela Editora Todavia, em 2019. Para alcançar o objetivo, dispõe-se de uma metodologia exclusivamente bibliográfica, partindo de uma leitura pormenorizada dos poemas do escritor, e de uma seleção de seus escritos ensaísticos e autobiográficos. Busca-se compreender a ideia central de uma poesia instintiva e necessária, refletindo sobre as estratégias de criação estética empreendidas pelo escritor. Assim, abordagens teóricas de Walter Benjamin (1892-1940), Giorgio Agamben (1942) e Georges Didi-Huberman (1953) servirão de lentes para a análise do tema. Pretende-se discutir a poesia de Levi fundamentada em sua experiência-limite, como prisioneiro em Auschwitz, e de sua formação científica e filosófica, especialmente, de suas meditações extraídas da Bíblia e da literatura.

Palavras-chave: Poesia; Testemunho; Memória; Shoah.

Não nos desprezeis: somos arautos e profetas. Dai-nos algo que queime, ofenda, corte, arrombe, suje. Que nos faça sentir que existimos.

Primo Levi

1 Breno Fonseca é Bacharel em Letras pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Mestrando em Literaturas Modernas e Contemporâneas no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista do CNPq e integrante do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG, coordenado pela professora Dra. Lyslei Nascimento. E-mail: brenofnsc@gmail.com

Primo Levi (1919-1987), no prefácio do livro *A busca das raízes*, faz a seguinte pergunta:² “Quanto nossas raízes devem aos livros que lemos?”³. Empenhando-se em responder à questão, ele aponta antes para a influência exercida pelo ambiente em que nascemos. No caso do autor, nascido em um lar permeado pela tradição judaica, a leitura simbolizava a busca pela sabedoria, uma tarefa obrigatória e compulsiva de lembrar o tempo passado; mas era também um vício inocente, um hábito recompensador, uma espécie de ginástica mental.⁴

Levi cita um trecho bíblico para descrever o hábito de seu pai, que estava sempre lendo três livros de uma vez, lia sentado em casa, andando pela rua, ao deitar-se e ao levantar-se.⁵ O pai chegava a encomendar ao alfaiate paletós com bolsos grandes e profundos para que comportassem seus livros. Além do pai (um engenheiro), Levi evoca os dois tios (um médico e um agente de investimentos), igualmente ávidos por leituras indiscriminadas, que costumavam roubar livros das bibliotecas. Embora esses furtos fossem condenados de maneira formal, eram aceitos, casualmente, como se houvesse uma regra não escrita segundo a qual aquele que deseja muito um livro é digno de se apropriar dele.

Assim, a juventude de Levi foi marcada por um ambiente repleto de papel impresso. O escritor relata ter lido desordenadamente, sem método, e dessa atitude adquiriu uma excessiva confiança e uma necessidade do livro, além de desenvolver “certo ouvido e certo olfato”. A relação entre leitura e corpo transforma-se em uma metáfora da gestação. Para Levi, assim como um feto de oito meses que reside na água se prepara para respirar, em suas leituras, talvez, estivesse se preparando para escrever.⁶

Em *Os judeus e as palavras*, os autores Amós Oz e Fania Oz-Salzberger, abrem o primeiro capítulo, intitulado “Continuidade”, com a seguinte epígrafe:

Em dois e trinta extremamente ocultos e magníficos caminhos de sabedoria o Senhor das Multidões entalhou seu nome: Senhor dos exércitos de Israel, Deus sempre vivo, misericordioso e gracioso, sublime, que mora nas alturas, que habita a eternidade. Ele criou este universo pelos três Sefarim – Número, Texto e Narrativa. Dez são os números, como são as Sefirot, e vinte e duas as letras, estas são as Fundações de todas as coisas.⁷

O excerto do texto hebraico esotérico trata dos três componentes de tudo que existe. O fragmento foi extraído do *Sefer Yetzirá*, ou *Livro da Formação* (ou Criação), provavelmente escrito no início do primeiro milênio DC, possivelmente em Israel. A partir da ideia de

2 LEVI, 2004, p. 23.

3 “Cuánto le deben nuestras raíces a los libros que hemos leído?” (N. T.).

4 LEVI, 2004, p. 24.

5 BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 266.

6 LEVI, 2004, p. 24-25.

7 OZ; OZ-SALZBERG, 2015, p. 15.

um mundo fundamentado pelo “Número, Escrita e Discurso”, Oz e Oz-Salzberger defendem a noção de uma continuidade judaica que se configura por meio de uma linhagem de texto em detrimento de uma linhagem de sangue. Os autores afirmam que a transmissão do judaísmo “sempre se articulou em palavras proferidas ou escritas, num sempre expansível labirinto de interpretações, debates e discordâncias, e numa interação humana única”.⁸ Levi se insere na mesma ancestralidade. Se, para Oz e Oz-Salzberger, “não é preciso ser arqueólogo, antropólogo ou geneticista para traçar e substanciar um continuum judaico [...] Basta ser leitor”, isso se confirma a partir da leitura da obra escrita por Levi. Seu empreendimento literário perpetua o legado da tradição judaica, permeado por uma textualidade particular (em diálogo com outras textualidades), principalmente pelas referências bíblicas e talmúdic.

Em *A busca das raízes*, por exemplo, Levi, em uma espécie de arqueologia literária, remonta ao texto de Jó como leitura fundamental para sua formação. Ao justificar o início de sua antologia de leituras com a história do justo oprimido pela injustiça, o escritor afirma que a narrativa, a um só tempo esplêndida e atroz, encerra as perguntas de todos os tempos.⁹ Embora Levi não acredite que as respostas para essas perguntas possam ser encontradas, ele reitera que a busca pertinente pela compreensão é uma necessidade para viver e para entender a si mesmo e o mundo.

A cartografia literária esboçada por Levi tem em Jó seu ponto de partida e passa por outros escritores de linhagem judaica (e não-judaica) em quatro itinerários: da compreensão, da estatura do homem, do sofrimento e do riso.¹⁰ Todos esses trajetos terminam nos buracos negros, sugerindo que esses corpos celestes misteriosos de intensa gravidade são uma metáfora da inquietude existencial, marcada pela falta de compreensão que a tudo suga e que mesmo a luz não consegue escapar.

O primeiro poema do livro *Mil sóis*, de Primo Levi, inaugura a coletânea sob o signo da busca por luminosidade:

Queria acreditar em algo além,
Além da morte que a desfez.
Queria poder dizer a força
Com que outrora desejamos,
Nós, já submersos,
Poder mais uma vez juntos
Caminhar livremente sob o sol.¹¹

O poema, intitulado com a data em que foi escrito, “25 de fevereiro de 1946”, depois do retorno do campo de concentração, revela a luta contra o vazio da desolação que insiste em obliterar o testemunho do trauma. Diante dessa desolação, a voz poética anseia “dizer

8 OZ; OZ-SALZBERGER, 2015, p. 15.

9 LEVI, 2004, p. 43.

10 LEVI, 2004, p. 41.

11 LEVI, 2019, p. 21.

a força”, romper o silenciamento. Em seu ensaio “O escritor não escritor”, Levi declara que a necessidade de transmitir a experiência perturbadora de Auschwitz nasceu lá, enquanto prisioneiro no espaço infectado pela morte, quando sua única esperança era a de sobreviver para contar o que tinha visto.¹² Os primeiros poemas revelam, fortemente, sua intenção de dar uma forma ao indizível, traduzir em palavras os horrores dos campos de extermínio.

Imagens atrozes insurgem de versos como: “Sonhávamos nas noites ferozes/ Sonhos densos e violentos”,¹³ “Através do arame farpado/ Eu vi o sol declinar e morrer”,¹⁴ “Paramos, e aventuramos o olhar/ Pelos verdes desfiladeiros dolentes,/ E o vigor dissolveu-se em nosso peito”.¹⁵ O declínio do sol aponta para um declínio da própria narrativa tradicional que, após a catástrofe, evidenciaria irremediavelmente suas fraturas. Os sonhos densos transformam-se, na poesia de Levi, em palavras densas, e, carregadas de peso, são capazes de se fixar na memória do leitor. A paisagem dolente reverbera no trabalho poético como uma pulsão das visões traumáticas, que dissolvem o vigor do sobrevivente.

A seleção de poemas escritos por Levi foi realizada por Mauricio Santana Dias e publicada no Brasil pela Editora Todavia, em 2019, ano do centenário do escritor judeu-italiano. A edição bilíngue preserva uma característica autoral que consiste na datação dos textos e a ordem cronológica, configurando-se em “uma espécie de diário íntimo em versos”.¹⁶ A produção lírica do escritor, errática e sem método,¹⁷ deixa entrever seu caráter múltiplo e variado, como um diário em que se pretende arquivar os diversos fatos de uma vida. A coleção de poemas, reunida no mesmo volume, em toda a sua diversidade, tanto na forma quanto nos assuntos, também reforça a obstinação enciclopédica característica do autor.

Santana Dias, no texto de apresentação de *Mil sóis*, destaca a “busca pela clareza, um trabalho contínuo contra as sombras”¹⁸ empreendido pelo poeta. Levi, químico por formação, vislumbrava em seu conhecimento técnico e científico um reservatório de metáforas,¹⁹ uma maneira singular de trabalhar com as palavras, como se fizesse experimentos com a linguagem, tal como um químico realiza testes com as substâncias em um laboratório. A busca pela compreensão, pelo inteligível, pelo domínio da matéria²⁰ marcam o trabalho do escritor, que pretende se comunicar, de forma cristalina, por meio da literatura.

12 LEVI, 2016a, p. 169.

13 LEVI, 2019, p. 27.

14 LEVI, 2019, p. 31.

15 LEVI, 2019, p. 35.

16 DIAS, 2019, p. 10.

17 DIAS, 2019, p. 10.

18 DIAS, 2019, p. 13.

19 LEVI, 2016b, p. 12.

20 Há um duplo sentido na expressão “domínio da matéria”, a saber, a apreensão de conhecimentos, por exemplo, da química (ciência sistemática), para dominar a natureza, entendê-la e manipulá-la, e a relação do escritor com o seu assunto, escrever com domínio do tema, exatidão.

No ensaio “Da escrita obscura”, Levi defende uma escrita “para comunicar-se, para transmitir informações ou sentimentos de mente a mente, de lugar a lugar e de época a época, e quem não é entendido por ninguém não transmite nada, grita no deserto”.²¹ O escritor abre parênteses para certos momentos em que a escrita insurge como expressão de sentimentos e não comunicação e, por isso, “gritamos também no deserto, gememos, rimos, cantamos, berramos”.²²

No entanto, o autor reafirma: “O descritível é preferível ao indescritível; a palavra humana, ao gemido animal”.²³ E tece uma crítica incisiva contra as figuras de poder constituídas nas instâncias políticas, religiosas, nos impérios coloniais, que falam em uma linguagem incompreensível como forma de impor uma hierarquia. Levi utiliza como exemplo a figura do padre Cristóforo, que diz em latim “*Omnia munda mundis*” [aos puros, tudo parece puro] para o frei Fazio; este, ao ouvir as palavras proferidas carregadas de mistério, pois não sabia latim, acredita obter a resposta para suas dúvidas e se submete àquele que aparentemente sabe mais. Levi conclui: “Se não se é claro, não há nenhuma mensagem”.²⁴ Nesse sentido, o autor luta contra a obscuridade verbal que, muitas vezes, resiste à claridade, para compreender e fazer-se compreendido, transmitir a memória, como um dever, para que o horror não se repita. Santana Dias expõe:

Vindo de uma experiência infernal que emudeceu ou desarticulou para sempre não poucos sobreviventes, talvez o maior traço de Levi tenha sido justamente o de tornar dizível o que a muitas almas puras pareceria inefável, dar concretude e visibilidade ao ‘mundo às avessas’ [...] traduzir o horror absoluto em palavras claras, cristalinas, e às vezes até jocosas. (Aliás, o humor [...] autodepreciativo é um dos grandes patrimônios da cultura judaica).²⁵

Em Levi, as personalidades do sobrevivente, do erudito e do poeta se confundem e se intercambiam o tempo todo. O escritor se aproxima do passado, em particular de suas reminiscências traumáticas, com seu arguto olhar analítico, e esforça-se para dar uma materialidade concisa e estética ao seu testemunho. Seu trabalho realiza-se, também, a partir de uma perspectiva vicária, pois escreve para aqueles que não sobreviveram e, portanto, não tiveram direito de narrar, e para aqueles que, mesmo tendo sobrevivido, voltaram “mudos”, mutilados pela experiência terrível.

Em 1984, na Itália, os poemas de Levi foram publicados em um livro, sob o título *Em hora incerta*, inspirado por um verso do poema *A balada do velho marinheiro*, de S. T. Coleridge,

21 LEVI, 2016b, p. 57.

22 LEVI, 2016b, p. 58.

23 LEVI, 2016b, p. 59.

24 LEVI, 2016b, p. 61.

25 DIAS, 2019, p. 13.

Desde esse dia, em hora incerta,
Volta essa angústia extrema;
E se não conto a história horrível
O coração me queima.

Cruzo, qual noite, o mundo; estranho
Poder me anima a fala;
Ao ver um rosto, sei nessa hora que é alguém que deve ouvir a história;

A esse homem vou ensiná-la.²⁶

É intrincada a relação que se estabelece entre esses versos e os poemas escritos por Levi, especialmente no que concerne ao tema da catástrofe, pois o imperativo que ronda as páginas de *Mil sóis* é a transmissão da “história horrível”. Na apresentação de *Em hora incerta*, Levi sugere que a poesia nasceu antes da prosa, e pergunta retoricamente: quem nunca escreveu em versos?²⁷ Ele afirma ter cedido a uma pressão intrínseca, a um impulso instintivo de se expressar por versos. Isso porque, “em momentos incertos”, o poema lhe parecia mais apropriado do que a prosa para se comunicar, transmitir uma ideia ou imagem. Talvez o ardor contido no verso “O coração me queima” traduza contundentemente a necessidade e a urgência da palavra – inscrita no DNA do escritor –, pois se torna imprescindível. Uma necessidade centrada, também, na tradição judaica, especialmente na transferência da memória coletiva a partir da atenção dada ao estudo dos textos sagrados. Nesse sentido, pode-se conceber uma correspondência entre o pensamento do poeta, a respeito de um estímulo genético para exprimir-se em versos, com sua origem e formação cultural, a qual lhe foi transmitida no seio familiar. O *continuum* judaico que se dá por meio de uma herança textual.

Segundo o crítico Cesare Segre, a melhor premissa para ler os poemas de Levi encontra-se em uma frase de *Se não agora quando?*, em que um personagem afirma: “Também eu tenho sangue de profeta, como todo filho de Israel, e de vez em quando brinco de bancar o profeta”.²⁸ Para Segre, um tom profético, exortativo, permeia a escrita poética do autor, marcada pela onipresença do sofrimento. Levi sugere uma concordância com a premissa ao enunciar:

Por isso não surpreende encontrar no lamento desesperado e às vezes rústico de Katzenelson o eco de palavras eternas, a continuidade e a herança legítimas de Ezequiel, Isaías, Jeremias e Jó; também não surpreende que ele mesmo tenha orgulho e consciência disso ‘[...] em todo judeu grita um Jeremias, um Jó desesperado’.²⁹

26 COLERIDGE *apud* DIAS, 2019, p. 11.

27 LEVI, 1990, p. 7.

28 LEVI, 1999, p. 137.

29 LEVI, 2016a, p. 37.

A voz do profeta pode ser identificada em diversos poemas de *Mil sóis*, conduzindo o leitor a percorrer o caminho de uma poesia profética, ou seriam profecias poéticas? – nesse caso de um futuro sempre ameaçador, de uma escatologia em curso. As imagens do porvir suscitadas pelos poemas de Levi, como, por exemplo, “Continuarão as geleiras/ A crepitar consumindo o fundo,³⁰ “De muito engenho e pouco siso,/ Vamos destruir e corromper/ Sempre mais depressa;”³¹ “Escavem: irão encontrar meus ossos/ Absurdos neste lugar cheio de neve”;³² evocam as ruínas de um desmonte que já se irrompe no presente.

Uma das premissas dessa poesia é a comunhão do sofrimento, da qual todos participam. No poema “A menina de Pompeia”, a voz exortativa grita: “Poderosos da terra, donos de novos venenos,/ Tristes guardiões secretos do trovão definitivo,/ Já nos bastam em demasia as aflições dadas pelo céu./ Antes de apertar o botão, parem e reflitam.”³³ O poema emerge de um tempo incerto, ameaçado por uma guerra nuclear, sempre iminente, em mundo assolado por poderosos sedentos pela destruição.

Em “Shemá”, poema que serviu de epígrafe para um dos livros mais conhecidos de Levi *É isto um homem?*, em que relata os horrores da sua experiência em Auschwitz, o poeta recria a oração judaica a partir do trauma – ou rompe com a profissão de fé do judaísmo para estabelecer uma outra confissão, que constitui uma nova ética após a catástrofe, em uma realidade em que crer em Deus parece impossível. *Shemá Israel* pode ser lida em Deuteronômio:

Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé. Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas.³⁴

O trecho afirma a existência de um só Deus (monoteísmo) e ordena que esse credo seja vivido e transmitido às próximas gerações. No poema de Levi, inspirado nesse que é um dos textos centrais do judaísmo, ele escreve:

Vós que viveis seguros
Em vossas casas aquecidas
Vós que achais voltando à noite
Comida quente e rostos amigos:

30 LEVI, 2019, p. 151.

31 LEVI, 2019, p. 151.

32 LEVI, 2019, p. 113.

33 LEVI, 2019, p. 63.

34 BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 266.

Considerai se isto é um homem,
Que trabalha na lama
Que não conhece paz
Que luta por um naco de pão
Que morre por um sim ou por um não.
Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelos e sem nome
Sem mais força de recordar
Vazios os olhos e frio o ventre
Como uma rã no inverno.

Meditai que isto aconteceu:
Vos comando estas palavras.
Gravai-as em vossos corações
Estando em casa, caminhando na rua,
Deitando, levantando:
Repeti-las a vossos filhos.
Ou que você casa se desfaça,
A doença vos impeça,
Vossa prole desvie o rosto de vós.³⁵

Há no início do poema um endereçamento da mensagem àqueles que vivem seguros, que, provavelmente, não passaram pela experiência desumana dos campos de extermínio. Aqueles que possuem abrigo à noite, momento da escuridão, e desfrutam de alimento e fraternidade. Adiante, o eu-lírico pergunta para seu interlocutor se um homem e uma mulher na condição de prisioneiros, sem identidade, sem subjetividade, esvaziados de sentido, famintos por pão e por dignidade, se esses seres arruinados são humanos. A questão revoga o conceito de humanidade que, após a Shoah, deverá ser irremediavelmente contestado. Como Auschwitz foi possível? E, por fim, a voz poética demanda: “meditai que isto aconteceu”. De forma correlata à oração judaica, ordena que essas palavras estejam gravadas no coração e sejam perpetuadas entre as gerações. Contudo, o poema de Levi não termina com uma benção, mas uma maldição para aqueles que esquecerem a catástrofe. Assim, há uma consagração da memória da Shoah, instituída no texto como um dever, impelindo o leitor a, também, testemunhar.

No poema “O canto do corvo (I)”, a figura do pássaro de maus presságios pode ser associada ao profeta que vem de muito longe para trazer a má notícia, como um mensageiro que anuncia a destruição. Ao contrário de uma boa-nova ele declara: “Para trazer-lhe a terrível nova/ Que lhe tire a alegria do sono,/ Que lhe corrompa o pão e o vinho,/ Que se assente à noite em seu coração”.³⁶ O relato assombroso do sobrevivente será sempre uma inquietação para o nosso tempo e uma advertência para a possibilidade sempre premente de horrores maiores.

35 LEVI, 2019, p. 25.

36 LEVI, 2019, p. 23.

Em “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin afirma: “Nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra [...], a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes”.³⁷ Essa escassez, o declínio da experiência ao qual alude Benjamin, é traduzido, no poema de Levi, a partir das imagens da falta de sono, da supressão do pão e do vinho, metáforas do alimento e da comunhão fraterna e da noite no coração, símbolo da angústia e da falta de esperança. Para além disso, o próprio gênero poético, fragmentário em sua essência, exhibe as fraturas da linguagem, arrima-se a partir da impossibilidade de uma apreensão linear e integral da experiência.

Segundo Giorgio Agamben:

O que o poeta, transformado em ‘vidente’, contempla é a língua – isto é, não a obra escrita, mas sim a potência da escritura. E, dado que, como diz Espinosa, a potência nada mais é que a essência ou a natureza de cada ser, na medida em que tem a capacidade de fazer algo, contemplar essa potência é também o único acesso possível ao *éthos*, à seidade”.³⁸

Assim, o que esse profeta/poeta contempla, os sentidos que o vidente apreende a respeito da realidade, reside na contingência da linguagem. Ele pretende conferir um corpo às suas visões, a partir da materialidade das palavras. Ele fala em nome da língua e nela trabalha, deixando sua impressão indestrutível por meio da escrita, como o oleiro deixa sobre o vaso de argila a impressão de suas mãos. No livro *Mil Sóis*, a imagem da capa remete a uma impressão digital, o que deixa entrever a relação identitária do escritor com a obra. Levi, ao afirmar que a poesia se inscreve na carga genética está, de algum modo, contemplando essa potência da qual trata Agamben, como uma singularidade da relação do poeta consigo. O filósofo italiano versa, ainda, sobre o conceito de *forma-de-vida* que consiste no ponto em que “o trabalho numa obra e o trabalho sobre si coincidem perfeitamente”.³⁹

Se, para Maurice Blanchot, “Por mais completa que seja a catástrofe, uma ínfima margem sobrevive, da qual não sabemos se contém a esperança ou se, ao contrário, a afasta para sempre”,⁴⁰ a assertiva se confirma em *Mil sóis*. No poema “O sobrevivente”, por exemplo, o fato de a voz poética não ter sucumbido contém um gérmen de esperança, porém, “em hora incerta,/ Aquela pena retorna,/ E se não acha quem o escute/ No peito o coração lhe queima”.⁴¹ O sobrevivente se insere no espaço insólito e movediço das lembranças, de “Cinzas de pó de cimento”, que insistem em retornar, e com elas a urgência da narração ignóbil.

37 BENJAMIN, 1994, p. 115.

38 AGAMBEN, 2018, p. 165.

39 AGAMBEN, 2018, p. 166.

40 BLANCHOT, 2011, p. 18-19.

41 LEVI, 2019, p. 111.

Georges Didi-Huberman, a partir de uma investigação das obras de Pasolini, exhibe as imagens dos vaga-lumes como metáfora das sobrevivências. Os poemas de Levi podem ser interpretados como esses pequenos lampejos sobreviventes na noite escura. Representados, especificamente, pela “mosca mensageira”, que surge nas últimas páginas de *Mil sóis*: se as portas estão fechadas, ela entra por uma fenda, pelos buracos das fechaduras. Levi contempla em muitos de seus poemas a sobrevivência de um povo que o regime nazista não conseguiu destruir e constrói um memorial para aqueles que não tiveram, ao menos, direito a um túmulo. A narrativa do escritor, sua herança poética, sobrevive, como os lampejos descritos por Didi-Huberman.

No poema “Autobiografia” lê-se: “Por isso não riam de mim [...] / Se este velho corpo está marcado por estranhos sinais”.⁴² Que corpo é este marcado por estranhos sinais? Em Auschwitz, Primo Levi foi tatuado em seu braço esquerdo com o número 174.517. Atualmente, o número de prisioneiro pode ser visto em sua lápide. A inscrição numérica, junto ao nome do escritor, constitui um testemunho de que aquele corpo, em toda sua individualidade, não foi exterminado, incinerado ou enterrado em valas comuns. Os nazistas não conseguiram apagar sua identidade, tampouco sua memória.

Levi considerava a poesia, em particular, um instrumento portentoso de contato humano.⁴³ O que reforça sua preferência pela linguagem clara, pela literatura que comunica. Ainda que nos fale com uma clareza muitas vezes extenuante. O poeta Rainer Maria Rilke, em *Cartas a um jovem poeta*, declara:

A ideia de ser criador, de gerar, de moldar não é nada sem sua grande e perpétua confirmação na vida; nada sem o consenso mil vezes repetido das coisas e dos animais. Seu gozo não é tão indescritivelmente belo e rico senão porque está cheio de reminiscências herdadas de geração e de parte de milhões de seres.⁴⁴

O que torna fecunda a obra de Levi senão sua qualidade de receptáculo de memórias herdadas de gerações e de parte de milhões de seres? Sua escrita realiza-se a partir de uma necessidade, uma compulsão, um instinto voraz. O consenso mil vezes repetido das coisas confunde-se com a imagem enigmática de mil sóis, que pode aludir ao tempo antes da criação do universo, que continha o germe de todas as coisas, a gênese da poesia. Assim, o criador Levi, em sua poética do convívio humano, partilha a ideia de que “a angústia de cada um é a nossa”.⁴⁵

42 LEVI, 2019, p. 79.

43 DIAS, 2019, p. 14.

44 RILKE, 2013, p. 40.

45 LEVI, 2019, p. 63.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. Trad. Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BÍBLIA DE JERUSALEM. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DIAS, Mauricio Santana. A poesia de um sobrevivente. In: LEVI, Primo. *Mil sóis: Poemas escolhidos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

DIDI-HUBERNAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios 1955-1987*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2016a.

LEVI, Primo. *Ad ora incerta*. Milão: Garzanti, 1990.

LEVI, Primo. *La búsqueda de las raíces*. Trad. Miguel Izquierdo, Arantxa Martínez e Elena Melchiorri. Barcelona: El Aleph, 2004.

LEVI, Primo. *Mil sóis: Poemas escolhidos*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

LEVI, Primo. *O ofício alheio: com um ensaio de Italo Calvino*. Trad. Silvia Massimini Felix. São Paulo: Editora Unesp, 2016b.

LEVI, Primo. *Se não agora quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Trad. George Shlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristovão Rilke*. Trad. Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2013.